

da suzano **PULP FICTION**

Comparando palavras e atos da maior produtora de celulose de eucalipto do mundo



Julho 2024

PULP FICTION

Comparando palavras e atos da maior produtora de celulose de eucalipto do mundo



Julho 2024

Índice

RESUMO EXECUTIVO	4
Disputas pela terra históricas e atuais	4
Secando a terra, alimentando incêndios florestais	5
Um motor de desmatamento	5
Envenenando a terra	6
A ilusão das credenciais climáticas	6
Bancada por financiamento "verde"	7
É necessário mudar para proteger um futuro habitável para todos	7
INTRODUÇÃO	8
PERFIL DA EMPRESA	9
CONFLITOS SOCIAIS COM COMUNIDADES LOCAIS E TRADICIONAIS	10
BENEFÍCIOS SOCIAIS POUCO CONVINCENTES	11
NÃO É UM BOM EMPREGO	11
CONFRONTANDO COMUNIDADES	12
CRIMINALIZAÇÃO E VIOLÊNCIA CONTRA ANTÔNIO SAPEZEIRO	13
FOGO E ÁGUA	14
FLORESTA: RESTAURADA OU ERRADICADA?	15
CAVANDO FUNDO	16
USANDO GADO PARA EXPANDIR A FRONTEIRA DE DESMATAMENTO DAS PLANTAÇÕES	16
FLORESTAS FRAGMENTADAS	18
ENVENENAMENTO POR PESTICIDAS	19
ACROBACIAS CLIMÁTICAS	20
IMPULSIONADA PELA DEMANDA GLOBAL	23
China - o principal comprador de celulose brasileira	24
Europa	24
Estados Unidos	25
SÃO REALMENTE FINANÇAS VERDES?	26
O QUE PRECISA ACONTECER?	29
ANEXO: DECLARAÇÃO DA SUZANO	30

Resumo executivo

A Suzano é a maior fabricante de celulose de eucalipto do mundo e uma das maiores produtoras de papel da América do Sul. Também é proprietária grandes extensões de terra, tendo o controle de 2,7 milhões de hectares em sete estados brasileiros e três biomas cruciais. Quase dois terços dessa área são cobertos por plantações de eucalipto. A Suzano também opera 12 fábricas no Brasil, que em 2022 produziram cerca de 10,6 milhões de toneladas de celulose - mais de 40% da produção total de celulose do Brasil. A empresa queima cada vez mais biomassa em suas plantas de produção para produzir eletricidade para exportação

A Suzano se apresenta como uma empresa fundamentalmente "verde", socialmente responsável e ecologicamente correta. Infelizmente, a realidade é bem diferente; a história, o presente e os planos para o futuro da Suzano mostram uma empresa e um setor que representam um pesado fardo para as comunidades locais, as florestas e o planeta. Neste relatório, analisamos as declarações "verdes" da Suzano e as comparamos com dados reais.

Disputas pela terra históricas e atuais

As terras sob controle da Suzano se estendem por sete estados brasileiros que são lar de mais de 200 comunidades, incluindo povos indígenas e quilombolas. Esses povos têm direitos especiais de acordo com a constituição brasileira, incluindo o direito a seus territórios ancestrais, mas como a aplicação desses direitos é fraca, a Suzano tem se envolvido repetidamente em disputas acirradas pela terra. Há registros de que, no município de Anapurus (nordeste do Brasil), cerca de 70% das terras adquiridas pela subsidiária da Suzano, a Comercial Agrícola Paineiras, foram ilegalmente tomadas. Outros casos de grilagem de terras foram investigados pela Justiça brasileira. Recentemente, a Suzano adquiriu 70.000 hectares de terra no Mato Grosso do Sul, alegando que toda a área tinha títulos de propriedade regulares. No entanto, isso não é garantia de que a terra estivesse livre de grilagem. Já em 2001, o Ministério do Desenvolvimento Agrário do Brasil estimou que, em escala nacional, 100 milhões de hectares de terra (12% de todas as terras do Brasil) foram adquiridas usando títulos de propriedade falsos. A Suzano também obtém celulose de terras envolvidas em amargos conflitos, como o de locais na Bahia, no nordeste do Brasil, onde grandes fazendeiros atiraram em membros de comunidades indígenas que tentavam recuperar suas terras ancestrais em 2022.

Os conflitos sociais são incontáveis, e muitos deles envolvem a Suzano. Alguns desses conflitos foram mapeados pela Comissão Pastoral da Terra, outros pelo Mapa de Conflitos. Quando surgem conflitos de terra, a estratégia da Suzano e de seus fornecedores frequentemente consiste em confrontar ou até criminalizar membros da comunidade que tentam fazer valer seus direitos. A empresa reconheceu ter chamado a Polícia Militar após um incidente em novembro de 2023 no qual um líder quilombola, Antônio Sapezeiro, foi atacado por um cão de guarda e preso pela polícia militar. Isso ocorreu após uma disputa com seguranças da Suzano sobre seu direito de trabalhar em uma lavoura na terra de sua comunidade tradicional há muito reconhecida e registrada.

Embora a empresa tenha como objetivo tirar 200.000 pessoas locais da pobreza, continua a evitar fazer a única coisa que poderia melhorar profunda e definitivamente as condições e perspectivas das comunidades: devolver-lhes suas terras.

Secando a terra, alimentando incêndios florestais

Cada árvore de eucalipto consome até 60 litros de água por dia - uma quantidade enorme em comparação com a vegetação de raízes profundas nativa do Cerrado. Embora a Suzano afirme que melhora a gestão da água em suas plantações, isso não resolve os problemas inerentes à remoção de árvores e raízes bem adaptadas à região, substituindo-as por sedentos eucaliptos. As plantações ressecam o solo, aumentando significativamente a chance de incêndios florestais. A casca do eucalipto também apresenta uma disposição morfológica que permite que as brasas percorram grandes distâncias com o vento. Em 2023, a Suzano registrou um aumento de 25% no número de incêndios em suas plantações no Espírito Santo em comparação com o ano anterior, atingindo 2.144 focos de incêndio entre janeiro e novembro.

Um motor de desmatamento

Nas últimas décadas, as empresas que agora estão fusionadas no conglomerado de papel da Suzano costumavam desmatar as florestas costeiras para abrir espaço para plantações de celulose. Ainda mais recentemente, de acordo com um estudo acadêmico, cerca de dois terços das plantações de celulose desenvolvidas entre 2003 e 2013 no Mato Grosso do Sul, na área do Cerrado, parecem ter sido estabelecidas substituindo a vegetação remanescente do Cerrado. O desmatamento e a destruição da vegetação nativa são parte integrante do setor de papel e celulose, mas a Suzano tenta se isentar do desmatamento inerente ao seu negócio.

De acordo com o Accountability Framework, a Suzano é responsável pelos impactos causados pelas empresas que absorveu, enquanto eles não tiverem sido remediados. No entanto, desde que adquiriu a empresa Aracruz como subsidiária, a Suzano não tomou nenhuma medida seria para lidar com o impacto contínuo do desmatamento significativo e bem documentado pelo qual a empresa foi responsável na Bahia e no Espírito Santo. Isso ignora o desmatamento histórico.

Com relação ao desmatamento mais recente, a Suzano afirma que só planta em terras previamente degradadas. Na verdade, os setores de celulose e pecuária trabalham em um ciclo de apoio mútuo, no qual os fazendeiros geralmente vendem suas terras para a indústria de celulose e papel e usam os lucros para comprar novas terras na fronteira com a floresta. Embora o desmatamento tenha aumentado, de acordo com um estudo, a área total de terras com pastagens no Brasil praticamente não mudou nos últimos 20 anos. Os pecuaristas podem ser um instrumento de desmatamento, mas muitas vezes é o setor de celulose e papel, juntamente com o de cana-de-açúcar, o motor do desmatamento.

Em 2020, a Suzano anunciou que não plantaria eucalipto nem adquiriria madeira de áreas desmatadas a partir desse mesmo ano. A essa altura, porém, já havia adquirido todas as terras necessárias para acomodar a expansão da produção planejada para facilitar a construção de novas fábricas de celulose. Portanto, esse compromisso distancia a Suzano de seu passado destrutivo e, ao mesmo tempo, faz muito pouco para mitigar o impacto de seus nada sustentáveis planos futuros.

Um compromisso recentemente alardeado de criar corredores conectando 500.000 ha de vegetação nativa preservada em terras da Suzano, sendo em conformidade com a legislação nacional, até o momento não obteve resultados satisfatórios.

Envenenando a terra

As plantações de eucalipto requerem grandes quantidades de fertilizantes e pesticidas (principalmente glifosato) para crescer rapidamente. Esses fertilizantes e pesticidas geralmente são aplicados por pulverização aérea, envenenando as lavouras de agricultura de subsistência ao redor e os remanescentes de florestas nativas. Nas áreas afetadas por intensas plantações de eucalipto, descobriu-se que a água da rede pública está contaminada por um grande número de agrotóxicos perigosos.

A ilusão das credenciais climáticas

A Suzano afirma remover e armazenar mais carbono da atmosfera do que emite e se comprometeu a remover ainda mais. Tudo isso ao mesmo tempo em que promove uma mudança total do plástico descartável para o papel descartável. As alegações são baseadas em uma avaliação limitada das emissões da empresa. Ela não considera o custo de carbono do desmatamento da vegetação nativa e omite as emissões geradas quando os itens descartáveis de papel, que formam a maior parte dos produtos de celulose de eucalipto, são jogados fora e queimados.

A declaração da Suzano de só estabelecer plantações em terras degradadas é uma interpretação conveniente da economia estabelecida do setor, que favorece terras caras que já possuem infraestrutura. Os criadores de gado geralmente estão bem-posicionados para fornecer essas terras e usar os lucros da venda para expandir para novas áreas florestais. Eventualmente, a infraestrutura chega a essas áreas recém-desmatadas e o ciclo começa novamente.

Além disso, o argumento de que o plantio de árvores de eucalipto é um uso da terra positivo em termos de carbono pressupõe que a terra nunca retornaria à cobertura vegetal nativa. A restauração da cobertura vegetal nativa também absorveria carbono da atmosfera, proporcionando inúmeros benefícios ambientais locais adicionais, incluindo a recuperação do lençol freático e a mitigação de incêndios florestais.



Operação de colheita mecanizada de eucalipto. Licença de Shutterstock.com

Algumas usinas da Suzano também se tornaram exportadoras de eletricidade gerada pela queima de biomassa de suas plantações (apesar de ainda usarem combustíveis fósseis). A empresa anunciou planos para expandir sua produção de eletricidade a partir de biomassa, embora não seja transparente sobre a origem da biomassa. Essa expansão provavelmente colocará ainda mais pressão sobre as áreas de floresta à medida que a demanda por madeira crescer, aumentando as emissões de carbono provenientes dessas usinas.

Bancada por financiamento "verde"

Apesar de enfrentar 295 possíveis e prováveis processos civis e o impacto da empresa sobre a biodiversidade, a água, o ar, o solo e o clima, a Suzano continua a receber bilhões de dólares em financiamento "verde" - até 39% da dívida total da empresa. Isso foi possível, em parte, devido ao sucesso da Suzano em alcançar prêmios por desempenho ambiental, social e de governança (ESG). Por exemplo, recebeu o selo Gold de sustentabilidade da EcoVadis em 2022 e, em 2023, foi nomeada "Empresa Global de Grande Porte do Ano" no Environmental Finance. Em março de 2024, a Suzano recebeu um empréstimo vinculado à sustentabilidade de US\$ 780 milhões, embora os detalhes e objetivos desse empréstimo permaneçam nebulosos.

É necessário mudar para proteger um futuro habitável para todos

Apesar da fachada de sustentabilidade, as operações da Suzano em particular, e a indústria de papel e celulose, em geral, continuam a causar impactos ambientais e sociais negativos significativos no Brasil. Isso pode e deve mudar.

Um futuro habitável para todos teria como resultado a redução da pressão sobre as florestas e outros ecossistemas naturais, dando tempo e espaço para que a vegetação nativa das terras degradadas do Cerrado pudesse rebrotar. As comunidades locais poderiam viver e administrar suas terras tradicionais ao invés de receberem uma compensação insuficiente enquanto suas lideranças são atacadas e criminalizadas. Um futuro habitável é aquele em que a cultura do descarte e o consumo excessivo são reduzidos, em vez de aumentar a já insustentável produção de celulose, intensificando ainda mais a demanda por madeira por meio da expansão da geração de eletricidade a partir da queima de biomassa.

A Environmental Paper Network estabeleceu uma série abrangente de demandas para o setor brasileiro de celulose e papel, seus investidores e parceiros comerciais em [Queimando a terra](#) [Os impactos da expansão da indústria de celulose e papel na região de Três Lagoas – Brasil.](#)

As instituições financeiras públicas e privadas devem suspender os serviços financeiros para a Suzano, investigar e se envolver para garantir que a empresa implemente totalmente esses critérios e cancelar todos os financiamentos e outras relações comerciais com a Suzano em caso de não conformidade.

As prioridades mais gerais para a transformação global do setor de celulose e papel e biomassa estão descritas na [Global Paper Vision da EPN](#) e no [Manifesto O Mito da Biomassa.](#)

Introdução

A empresa brasileira de celulose Suzano planta um milhão de árvores de eucalipto todos os dias. Eles chamam isso de “Plantando o Futuro.”



Mas que tipo de futuro a Suzano está plantando? As evidências compiladas aqui sugerem que eles estão plantando um legado de destruição para as comunidades locais, as florestas, o ciclo da água e o meio ambiente.

Este relatório baseia-se em estudos de caso e evidências compiladas ao longo de anos de monitoramento das atividades da Suzano. Ele documenta a realidade de seus impactos e retrata um cenário sombrio do futuro se a empresa continuar em seu caminho atual.

Pelo contrário, um futuro habitável para todos precisaria de mudanças fundamentais na forma como a terra é usada, os recursos são geridos, os bens são consumidos e as decisões são tomadas.



Vegetação nativa do Cerrado, Parque Água Mineral - Brasília. Fonte: Parteiro, Creative Commons Attribution-Share Alike 3.0

Perfil da Empresa

A Suzano é a maior produtora de celulose de eucalipto do mundo e uma das maiores fabricantes de papéis da América Latina.

Exporta para mais de 100 países, e sua capacidade instalada é superior a 10,9 milhões de toneladas métricas de celulose comercial e 1,5 milhão de toneladas de papel por ano, distribuída em 12 fábricas no Brasil e uma na Finlândia. A Suzano é a líder mundial na produção de celulose branqueada (veja o gráfico 1). A empresa tem unidades de vendas em dez países, incluindo China, Estados Unidos, Suíça e Áustria, e subsidiárias no Reino Unido e na Argentina.

Suas operações afetam 300 municípios no Brasil, nos estados da Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais, São Paulo, Mato Grosso do Sul, Maranhão, Tocantins, Pará e Piauí. A empresa controla 2,7 milhões de hectares de terras no país entre plantações de eucalipto (1,6 milhão de ha) e áreas preservadas (1,1 milhão de ha). Em 2022, os terrenos destinados voluntariamente à preservação constituíram apenas 6% da área total preservada sob controle da Suzano, o restante são áreas de preservação permanente e reserva legal, conforme determina a legislação brasileira. A Suzano opera em três biomas brasileiros: Amazônia, Cerrado, e Mata Atlântica.

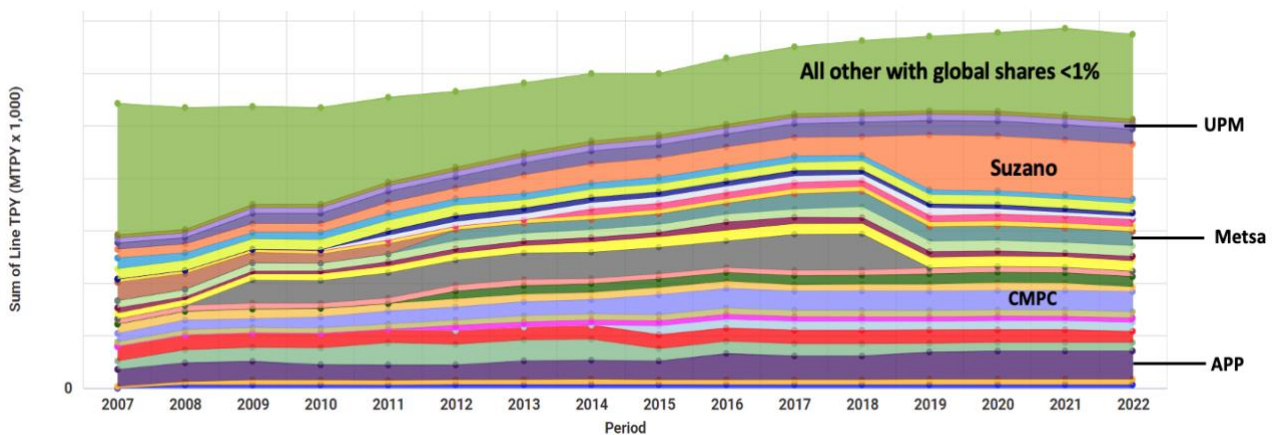


Gráfico 1: Capacidade instalada de celulose Kraft branqueada e sulfite Kraft em milhões de toneladas métricas por ano. Fonte: FisherSolve, em [Resourcewise.com](https://www.resourcewise.com)

As receitas da Suzano em 2023 foram reportadas em US\$ 7,95 bilhões, com lucro líquido de US\$ 2,8 bilhões. A empresa é dirigida pela família Feffer (Grupo Feffer), citada pela Forbes como uma das famílias mais ricas do Brasil. A família Feffer também foi citada nos Panama Papers por ter um agente polêmico, a Mossack Fonseca, escritório de advocacia que supostamente ajudou seus clientes em evasão fiscal e lavagem de dinheiro.

A Suzano também controla a FuturaGene, empresa que desenvolve culturas de árvores geneticamente modificadas. A empresa tem laboratórios de pesquisa em Israel e na China e realiza testes de campo. As árvores geneticamente modificadas apresentam uma série de riscos, alguns dos quais ainda não são totalmente compreendidos e, portanto, são proibidas pela certificação FSC (princípio FSC 6.8). No Brasil aconteceram fortes protestos contra as árvores geneticamente modificadas da FuturaGene.

Conflitos sociais com comunidades locais e tradicionais

Suzano diz

“ Tirar 200 mil pessoas da linha de pobreza em nossas áreas de atuação.”

Central de Sustentabilidade Suzano ”

Outros dizem

“ Vivemos da coleta, dos peixes, da mandioca. Dependemos da terra, do rio e da floresta para sobreviver. Os rios secam ou as nascentes ficam poluídas. Acabamos sem as condições mínimas de sobrevivência.”

Flávia dos Santos, Quilombola Territory of Sapê do Norte ”

A Suzano é uma das maiores proprietárias de terras do Brasil, possuindo terras em sete estados. Os 2,7 milhões de hectares de terras controladas pela Suzano se estendem por sete estados brasileiros, abrigando mais de 200 comunidades, incluindo povos indígenas e comunidades quilombolas. As comunidades quilombolas no Brasil têm direitos especiais de acordo com a Constituição brasileira, incluindo o direito ao seu território ancestral. No entanto, menos de 5% têm títulos oficiais de terra, deixando-as vulneráveis a disputas territoriais.

Foi relatado que, no município de Anapurus (nordeste do Brasil), cerca de 70% das terras adquiridas pela subsidiária da Suzano, a Comercial Agrícola Paineiras, foram griladas ilegalmente. Em outra região, na Bahia, o povo indígena Pataxó acusou recentemente a Suzano de ser corresponsável pela destruição contínua de seu território ancestral.

Em algumas áreas, as plantações de eucalipto cobrem a maior parte das terras cultiváveis. Por exemplo, em Conceição da Barra (ES), as plantações de eucalipto, em grande parte para fornecimento da Suzano, se estendem por mais de 62% das terras agricultáveis do município que, portanto, não podem ser utilizadas pelas comunidades locais. Em outro estado brasileiro, na Bahia, cerca de 90% dos 6.500 hectares do território quilombola Volta Miuda, que fica no extremo sul da Bahia, são cobertos por plantações de eucalipto que abastecem a Suzano ou que a Suzano é diretamente a proprietária.

A Suzano pode alegar que as terras que adquiriu tinham títulos de propriedade regulares, mas isso pode ser enganoso. Já em 2001, o Ministério do Desenvolvimento Agrário do Brasil estimou que, em escala nacional, 100 milhões de hectares de terra (12% de todas as terras do Brasil) haviam sido grilados ilegalmente por meio de títulos falsos. Isso também é relatado amplamente para as plantações de eucalipto na Bahia. A grilagem de terras por falsificação de títulos de propriedade foi uma das conclusões da 1ª Vara Federal de São Mateus, no Espírito Santo, que determinou a desapropriação das terras, condenou a Suzano em primeira instância ao pagamento de multa e impediu o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) de financiar as atividades da Suzano nessas terras (o BNDS é um dos principais fundadores da Suzano). Em outro estado, na Bahia, a Suzano (juntamente com a Veracel Celulose, empresa pertencente à Suzano) foi condenada em segunda instância pelo mesmo crime.

Benefícios sociais pouco convincentes

Diante de amplos conflitos sociais, a Suzano prometeu tirar 200 mil pessoas da pobreza em suas áreas de atuação por meio da ampliação de seus programas sociais. Esse tipo de promessa parece não convencer muitas das comunidades que vivem no terreno, como a comunidade tradicional quilombola de Sapê do Norte, entre São Mateus e Conceição da Barra, no norte do Espírito Santo.

“Vivemos da coleta, dos peixes, da mandioca. Dependemos da terra, do rio e da floresta para sobreviver... Os rios secam ou as nascentes ficam poluídas. Acabamos sem as condições mínimas de sobrevivência” – disse a liderança Flávia dos Santos, a Mongabay. - “Temos uma luta diária contra a Suzano”, acrescenta ela. “A monocultura do eucalipto chegou atropelando tudo e, com o racismo, tomou nossa terra. Terra que pertencia aos nossos antepassados. Terra que era nosso meio de sobrevivência.” Em Urbano Santos, no Maranhão, os moradores ainda tentam proteger sua floresta tradicional da expansão da Suzano. “Tudo mudou no momento em que o eucalipto chegou. Os córregos começaram a desaparecer. Perdemos as florestas,” disse Célio Pinheiro Leocadio, que lidera o quilombo Volta Miuda, no sul da Bahia. Esses impactos foram confirmados, paralelamente com outras irregularidades, por uma investigação na área pelo Ministério Público Federal em abril de 2024.

Como em outros casos, a mensagem é clara: muitos moradores preferem ter sua terra de volta e viver decentemente dela em vez de depender da Suzano em troca de alguns empregos ou esmolas.

Não é um bom emprego

Em relação aos empregos reais que a Suzano proporciona, a realidade no terreno nem sempre é muito mais promissora do que os chamados programas sociais. O trabalho de plantio de eucalipto é altamente mecanizado e inseguro. Em 31 de dezembro de 2023, a Suzano enfrentou 1.241 processos trabalhistas avaliados como prováveis e 1.034 avaliados como razoavelmente possíveis. Em entrevistas realizadas pela EPN com funcionários da Suzano, eles descrevem uma piora nas condições de trabalho. Até 2018, havia 87 casos no Mato Grosso do Sul contra a Suzano-Fibra por violação da legislação trabalhista. A Suzano também é criticada por sindicatos por práticas antissindicalistas e por recorrer a demissões em massa (na empresa ou entre seus subcontratados), que foram noticiadas recentemente em 2019 e 2022. Considerando a superfície que ocupam, as operações de plantação da Suzano geram pouquíssimos empregos, em média 3,1 empregos por 100 ha,



Greve na fábrica da Suzano em Imperatriz (Maranhão, Brasil): "Não aos descontos abusivos e metas inalcançáveis". Fonte: EPN

enquanto a mesma superfície pode alimentar mais de 10 famílias que vivem da agricultura de subsistência. Quando uma nova fábrica de celulose é anunciada, a maioria dos empregos são trabalhos de construção temporários. Apenas alguns trabalhadores especialmente treinados são necessários uma vez que as fábricas altamente mecanizadas entram em funcionamento. O mesmo se aplica ao manejo das plantações após o plantio. No setor de celulose e papel, esses trabalhadores especializados geralmente vêm do exterior.

Confrontando comunidades

Suzano diz

“ Na Suzano, respeitamos e desenvolvemos as comunidades do nosso entorno, sejam locais ou tradicionais, como indígenas e quilombolas.

Suzano - Comunidades

Outros dizem

“ A Suzano desconsidera e desrespeita a história do nosso povo, a nossa ancestralidade negra e o sofrimento que carregamos e vivenciamos.

Celio Pinheiro Leocadio, Quilombo Volta Miúda

Os conflitos, recentes e menos recentes, são numerosos. Além dos citados, a Comissão Pastoral da Terra (CPT) relata ainda conflitos relacionados à Suzano (alguns incluindo prisões) ou impactos denunciados pelas comunidades atingidas nos municípios de: Vale das Cancelas, Josenópolis e Padre Carvalho em Minas Gerais, Taubaté em São Paulo, Bom Jesus das Selvas, Tanque de Rodagem, São João, Cocalinho, Guerreiro, Parnarama, Matões e Quilombo Cocalinho no Maranhão. O projeto “Mapa de Conflitos” relata conflitos relacionados à Suzano (alguns incluindo prisões) ou impactos denunciados pelas comunidades atingidas nos municípios de: Palmeirais e Paulistana no Piauí, Conceição da Barra e Aracruz no Espírito Santo, Araripina Pernambuco, São Raimundo, Loreto, São Luís, Urbano Santos e Santa Quitéria no Maranhão.

Quando surgem conflitos pela terra, a estratégia da Suzano e de seus fornecedores frequentemente tem sido confrontar ou mesmo criminalizar aqueles que reivindicam sua herança tradicional.

Os conflitos pela terra podem rapidamente se tornar violentos. Em 2022, em lugares da Bahia, no nordeste do Brasil, onde a Suzano obtém madeira para celulose, inclusive de fornecedores terceirizados, fazendeiros armados começaram a atirar em membros de comunidades indígenas que tentavam recuperar suas terras ancestrais. Esta situação é sensível, e o aumento das tensões pode levar a consequências fatais.

Um tribunal brasileiro considerou legítimas as ocupações de terras por comunidades tradicionais, que a Suzano chama de "invasões" (ver anexo). Suzano então, em alguns casos, denunciou as comunidades por atividades específicas nas terras ocupadas, como preparar o solo ou cortar eucalipto para plantar suas culturas tradicionais.

Em novembro de 2023, no Espírito Santo, sudeste do Brasil, seguranças da Suzano soltaram um cão de ataque e pediram à polícia que prendesse um líder comunitário quilombola que discutia com eles sobre a propriedade da terra (ver quadro). Em sua nota de esclarecimento abordando o incidente, a Suzano reconheceu que era seu procedimento padrão chamar a Polícia Militar em casos semelhantes.

Como apontado pela própria Suzano, esse não é um caso isolado. Quando a Suzano entrou em conflito com comunidades locais determinadas a manter suas terras no estado do Maranhão, nordeste do Brasil, a empresa recorreu à acusação de um membro da comunidade como criminoso. No final, um tribunal exigiu que a Suzano suspendesse suas atividades. A Suzano agora está se livrando de algumas dessas propriedades questionáveis no Maranhão, mas em vez de devolvê-las às comunidades, a terra está sendo vendida para plantadores de soja.

Um vídeo recente publicado pela Suzano sobre sua nova fábrica de celulose gigante no Mato Grosso do Sul (Projeto Cerrado) sugere que a empresa pagou por uma nova delegacia no estado. O que isso fará com a imparcialidade policial em caso de conflitos com a comunidade?

Criminalização e violência contra Antônio Sapezeiro

Em 28 de novembro de 2023, o Sr. Antônio Sapezeiro, líder da comunidade quilombola de Nova Vista em Sapê do Norte, São Mateus (Espírito Santo, Brasil) foi filmado deitado, imobilizado e indefeso, numa estrada de concreto, cercado por seguranças da Suzano e policiais militares.

Mais cedo naquela manhã, os seguranças da Suzano ordenaram que Sapezeiro deixasse o campo em que estava trabalhando. O campo faz parte de uma área já oficialmente certificada como terra comunitária pela Fundação Palmares em 2006, mas 17 anos de tentativas da comunidade de recuperar a terra por outros meios se mostraram inúteis. Em outubro de 2023, Sapezeiro e outros membros de sua comunidade quilombola se mudaram para recuperar a terra, ocupando-a.

Tendo sido recentemente operado, o estado de saúde de Sapezeiro era frágil. Apesar disso, ele não deixou seu campo naquela manhã. Os seguranças da Suzano voltaram à terra contestada à noite, chamando a polícia militar para ajudá-los. O Sr. Sapezeiro discutiu com os guardas até que um cão de segurança o mordeu, e a polícia militar o prendeu e encarcerou.

O Sr. Sapezeiro foi libertado apenas alguns dias depois, após sua associação de agricultores pobres e organizações sociais, que acompanharam a situação, terem coletado o dinheiro para pagar sua fiança.

No Brasil, vastas áreas de terra foram tomadas de comunidades quilombolas por meio de grilagem nas últimas décadas. Recentemente, uma nova pesquisa feita pela Universidade Federal de São Paulo revelou que a Aracruz, uma empresa adquirida pela Suzano, teria usado prisões arbitrárias e outros abusos para obter terras indígenas durante a ditadura.



“A Aracruz trouxe o progresso. A Funai, os índios”. “Basta de índios ameaçando trabalhadores”. Na época, os povos indígenas foram perseguidos, e a Funai, a agência indigenista estadual, foi encarregada de protegê-los. Os outdoors foram organizados por um "Movimento de Apoio à Aracruz Celulose".

Fogo e Água

Suzano diz

Aumentar a disponibilidade hídrica em todas das bacias hidrográficas críticas.

Centro de Sustentabilidade Suzano

Outros dizem

Os rios secaram. Acabou com a cachoeira. Lá perto do pontilhão tinha uma lagoa, agora não tem água nenhuma.

Rosana, moradora, Garcias

A Suzano afirma ter aumentado a disponibilidade hídrica em todas as bacias hidrográficas críticas, por meio da melhora do manejo das plantações. No entanto, não quantifica ou explica o significado de 'melhorar'. Foi constatado que as plantações de eucalipto consomem grandes quantidades de água subterrânea. De acordo com um estudo, um único eucalipto requer de 30 a 60 litros de água por dia, valor confirmado pelo Centro Agroflorestal Mundial (estudos específicos realizados no bioma Cerrado confirmam esse achado geral). Assim, os eucaliptos extraem grandes quantidades de água da terra e a liberam na atmosfera, secando significativamente o solo. Por outro lado, a vegetação nativa do Cerrado ajuda a manter o equilíbrio natural da água no ecossistema. "O Cerrado é como uma floresta ao contrário, as raízes são profundas, maiores que as copas. Elas são responsáveis por absorver a água da chuva e depositá-la em reservas subterrâneas, os aquíferos", explica o professor da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO) e diretor do Instituto do Trópico Sub-úmido, Altair Sales Barbosa. Os impactos do desaparecimento de córregos, nascentes e lagoas foram relatados na pesquisa de campo da EPN em 2022.



Incêndio no assentamento Canoas, 1º de outubro de 2020, Fonte: foto compartilhada por moradores locais.

O solo seco contribui para aumento da ocorrência de incêndios florestais. Na região do Mato Grosso do Sul, entre Três Lagoas e Ribas do Rio Pardo, onde a Suzano possui duas grandes fábricas de celulose (uma ainda em construção), os incêndios aumentaram acentuadamente desde 2018. Em 2023, uma onda de incêndios atingiu áreas do Brasil onde as plantações de eucalipto se expandiram. No mesmo ano, os incêndios nas plantações da Suzano no Espírito Santo aumentaram 25% em relação ao ano anterior, atingindo 2.144 focos de incêndio entre janeiro e novembro.

A Suzano conhece bem o problema: "A seca severa, associada a incêndios de grande porte, foi uma das principais dificuldades vividas pela Suzano em 2020, principalmente no Mato Grosso do Sul. A seca por si só afetou a produtividade nesta região e, como resultado, tivemos que lidar com incêndios florestais". Também admitiu: "Não podemos garantir que nossos processos de uso eficiente da água e planos de contingência serão capazes de evitar impactos de secas severas ou medidas governamentais para lidar com as condições de seca nas operações de nossas unidades". Apesar das evidências contundentes de que as plantações de eucalipto aumentam o risco de incêndio, por exemplo, afetando o lençol freático, a Suzano não reconheceu que suas atividades de silvicultura teriam tornado os incêndios enfrentados mais prováveis.

Se o eucalipto for plantado em blocos grandes e homogêneos de árvores jovens com vegetação rasteira seca, ele fornecerá amplas áreas de combustível para que os incêndios se expandam sem interrupção. A casca do eucalipto tem características morfológicas específicas que lhe permitem lançar brasas incandescentes a grandes distâncias com o vento. As brasas podem percorrer vários quilômetros, muito além de qualquer barreira corta-fogo. Os incêndios tornam-se imparáveis. Os impactos crescentes das mudanças climáticas sugerem evitar a expansão de culturas em larga escala que contribuem para o estresse hídrico e aumentam o risco de incêndio.

A ameaça de incêndios florestais dentro e ao redor das plantações de eucalipto é tão acentuada que a Suzano organiza suas próprias brigadas de incêndio. Mas proteger as plantações de eucalipto dos próprios incêndios que elas exacerbam não é uma solução real, o risco de incêndios devastadores continuará a crescer enquanto as plantações de eucalipto se expandirem.

Floresta: restaurada ou erradicada?

Suzano diz
"a Suzano faz plantio apenas em áreas anteriormente degradadas, resultando em uma contribuição positiva de recuperação de solo e remoção de carbono da atmosfera"
Centro de Sustentabilidade Suzano

Outros dizem
"Ao adquirir grandes áreas de pastagens, as plantações de madeira levam a pecuária a um maior desmatamento. "As plantações de cana-de-açúcar e de florestas também emergem como os principais impulsionadores do desmatamento em escala nacional."
Estudo científico: Sustainable commodity sourcing requires measuring and governing land use change at multiple scales

A Suzano reivindica que realiza reflorestamento de terras desmatadas pela pecuária ou outros tipos de terras degradadas. Segundo o representante da empresa, as monoculturas de árvores contribuem para a "preservação das espécies locais, a regulação dos ciclos hidrológicos e para a remoção e armazenamento de dióxido de carbono". Isso pode parecer promissor, mas a restauração real (ou seja, a reintrodução de tipos de vegetação que estavam lá antes de serem destruídos pelos fazendeiros) é apenas uma atividade menor para a Suzano. Eles realizam alguns trabalhos de restauração em áreas reservadas para isso, de acordo com a legislação nacional. Ainda assim, o principal negócio da Suzano, e a maior parte de suas terras, são as monoculturas de eucalipto. Isso não é restauração.

Cavando fundo

O estabelecimento de plantações de eucalipto envolve arar profundamente a terra, erradicando em grande parte os últimos remanescentes de vegetação do Cerrado que poderiam ter sobrevivido à pecuária. Está bem documentado que a vegetação do Cerrado, com raízes profundas, rebrota mesmo depois de incêndios ou do gado ter limpado a superfície do solo. As plantações de eucalipto, como as da Suzano, destroem até mesmo essas raízes profundas, dizimando a possibilidade de regeneração espontânea.

Usando gado para expandir a fronteira de desmatamento das plantações

Os fazendeiros que vendem suas terras para a indústria de celulose e papel costumam usar o dinheiro para adquirir áreas mais amplas de terras mais baratas no limite das florestas, impulsionando uma nova onda de desmatamento. As novas fazendas de gado são lentamente seguidas por novas infraestruturas, o que torna essa área atraente para a indústria de celulose e papel. Os fazendeiros podem mais uma vez vender a terra por um preço mais alto, adquirir terras mais baratas onde a infraestrutura ainda não está desenvolvida e um novo ciclo de desmatamento pode começar.

É por isso que a alegação da Suzano de plantar apenas em terras anteriormente degradadas não é tão positiva quanto pode parecer. De acordo com um estudo científico recente, que analisou os fatores de desmatamento no Brasil em diferentes escalas, a área total de pastagem quase não mudou nos últimos 20 anos. Quando se olha para uma escala nacional, as plantações de árvores, juntamente com a soja e a cana-de-açúcar, são o motor da expansão agrícola e os verdadeiros impulsionadores da perda de florestas naturais.



Pecuária no estado do Pará, Brasil Foto: A C Moares/Flickr, Creative Commons

Mudando as linhas de base e ignorando a responsabilidade histórica

Suzano diz

“Sustentáveis de ponta a ponta-
Estamos comprometidos a garantir
os mais altos níveis de
sustentabilidade em todas as
etapas dos nossos processos

Centro de Sustentabilidade Suzano

Outros dizem

“Toda essa região, já foi rica em tudo”,
disse Pinheiro Leocádio. "Tudo mudou
no momento em que o eucalipto
chegou. Os córregos começaram a
desaparecer. Perdemos as florestas.”

Fonte: Deutsche Welle

Durante décadas, houve um sério desmatamento na floresta tropical costeira da Mata Atlântica, rica em biodiversidade, na Bahia e no Espírito Santo. A terra foi inicialmente desmatada pela Aracruz, empresa posteriormente adquirida pela Fibria, que por sua vez foi adquirida pela Suzano. De acordo com o [Accountability Framework](#), o impacto é de responsabilidade da Suzano, pois é um impacto contínuo que ainda precisa ser remediado.

No entanto, a empresa parece não ter planos para remediar os danos causados, embora continue a se beneficiar dessas terras desmatadas. Além disso, em 2023, a Suzano foi acusada por comunidades quilombolas de [destruir a Mata Atlântica nativa](#) para construir uma estrada particular.

De acordo com um estudo acadêmico, cerca de dois terços das plantações de madeira para celulose desenvolvidas entre 2003 e 2013 na área de Cerrado no Mato Grosso do Sul parecem ter sido estabelecidas pela [substituição da vegetação remanescente do Cerrado](#). A Suzano agora afirma estabelecer suas plantações [exclusivamente em áreas antes antropizadas por outros usos](#). E em 2020 a Suzano anunciou o [compromisso](#) de não plantar eucalipto ou adquirir madeira de áreas que foram desmatadas após esse ano. Mas, a essa altura, a empresa já havia adquirido todas as terras necessárias para a expansão da produção planejada com a construção de novas fábricas de celulose. Assim, na verdade, a empresa concedeu a si mesma uma anistia sobre o desmatamento que já havia ocorrido antes de 2020. Como exemplo, no Mato Grosso do Sul, a Suzano [adquiriu recentemente 70.000 hectares de terras](#), dos quais 50.000 são plantados com plantações de eucalipto, do banco de investimento em terras BTG Pactual Timberland Investment Group (pagando US\$ 375,7 milhões). Em sua primeira aquisição, o BTG Pactual não tinha uma política de desmatamento zero nem o compromisso de respeitar o Consentimento Livre, Prévio e Informado (CLPI). Apesar desses riscos, a Suzano não compartilhou publicamente informações sobre qualquer análise de diligência devida para descartar que essas terras sejam originárias de grilagem ou desmatamento.

Florestas fragmentadas

A Suzano destina cerca de 40% de suas terras a preservação da vegetação nativa, de acordo com as exigências legais. No entanto, essas florestas naturais estão fortemente fragmentadas e desconectadas e muitas vezes cercadas por plantações, portanto expostas a pesticidas, estresse hídrico e incêndios florestais. Recentemente, a Suzano alardeou um compromisso de conectar 500.000 ha de florestas preservadas com corredores, porém aparentemente só alcançou cerca de 50.000 ha de florestas conectadas. Os mapas desses corredores não foram divulgados. Este é o problema dos compromissos assumidos voluntariamente: não existem normas, regulamentos e um controle transparente.



Uma árvore nativa do Cerrado que ficou no meio de uma monocultura de eucalipto e acabou morrendo, como outras ao fundo. Uma cena muito comum. @EPN

Envenenamento por pesticidas

Suzano diz

Alcançaremos o equilíbrio ecológico que permita eliminar o uso de agroquímicos

Relatório de Sustentabilidade Suzano 2022, Informações Complementares

Outros dizem

O veneno vem pra cá! Eles passam de avião (...). A gente tinha uns limão taiti, morreu tudo, de uma hora pra outra assim.

Sra. Tamires, moradora, Pontal do Faia

As plantações de eucalipto requerem grandes quantidades de fertilizantes e pesticidas (principalmente glifosato) para crescer no ritmo necessário para maximizar a produção de celulose. Esses fertilizantes e pesticidas são frequentemente aplicados por pulverização pelo ar, envenenando os campos de agricultura de subsistência circundantes e os remanescentes de florestas naturais (e a substituição de aviões por drones não resolve o problema). Como resultado, as plantas nas lavouras locais morrem, enquanto os impactos nas áreas naturais permanecem não investigados. O que já foi comprovado é a poluição do lençol freático: em áreas afetadas por plantações intensas de eucalipto, a água da rede está contaminada por muitos agroquímicos perigosos.

Esse uso intenso de pesticidas e outros agroquímicos nas plantações de eucalipto está poluindo o lençol freático já em declínio e ameaçando a vida selvagem e os meios de subsistência das comunidades locais. A Suzano afirma que está trabalhando para "eliminar a necessidade de agroquímicos", mas, enquanto isso, por meio da empresa controlada por ela, a FutureGene, investe pesadamente em árvores geneticamente modificadas destinadas a resistir a concentrações mais altas de herbicida (tolerância a herbicida), demonstrando pouco interesse em reduzir o uso de agroquímicos.



Vegetação natural do Cerrado. Fonte: EPN

Acrobacias climáticas

Suzano diz

Remover 40 milhões de toneladas de carbono (CO₂) da atmosfera até 2025 (...) continuamos a realizar plantios expressivos de eucalipto (...) bem como adquirimos novas terras e expandimos nossa base florestal.

Centro de Sustentabilidade Suzano

Outros dizem

Os produtos de celulose e papel têm um ciclo de vida curto, e a maior parte do carbono da fabricação de papel acaba na atmosfera em um ano.

Estudo científico: Decarbonizing the pulp and paper industry

A alegação da Suzano de ser "negativa em carbono" - removendo mais CO₂ da atmosfera do que emite - é baseada em um entendimento estreito de quais emissões ela é responsável. Isso também perde o ponto.

O papel é uma mercadoria de vida muito curta. A maior parte do que a Suzano produz será transformada em produtos descartáveis; embalagens, lenços de papel e itens semelhantes geralmente usados uma vez e jogados fora. Esses produtos acabam rapidamente em lixões ou plantas de incineração, onde o carbono que armazenam é prontamente liberado na atmosfera. Portanto, o carbono "removido" pelas plantações de eucalipto geralmente é armazenado nos produtos apenas por um curto período de tempo.

A alegação de ser "negativa em carbono" também ignora as emissões envolvidas no desmatamento da terra para o plantio de eucalipto, em primeiro lugar, especialmente ao destruir ou promover a destruição da floresta que já estava removendo carbono da atmosfera. As plantações estabelecidas em terras degradadas ainda podem ser grandes causadoras de desmatamento (veja a seção "Floresta: restaurada ou erradicada?" acima).

Se a vegetação natural pudesse voltar a crescer na terra atualmente coberta por plantações de eucalipto, isso também capturaria carbono da atmosfera e traria uma série de vantagens para a biodiversidade, o clima e os lençóis freáticos. É por isso que o compromisso da Suzano de remover mais 40 milhões de toneladas de carbono da atmosfera não está sendo bem explicado.



Pilha de toras de eucalipto, Mato Grosso do Sul, Brasil. Fonte: EPN

Suzano diz
Aumentar em 50% a exportação de energia renovável
Centro de Sustentabilidade Suzano

Outros dizem
Como vários estudos mostraram, essa queima de madeira aumentará o aquecimento por décadas a séculos.
+ de 500 cientistas

Algumas usinas da Suzano também se tornaram exportadoras de eletricidade gerada pela queima de "resíduos de biomassa" de suas plantações. Caracterizar isso como "energia verde" é uma falsidade perigosa. A energia gerada pela queima de biomassa está longe de ser verde e pode emitir mais CO2 do que o carvão por unidade de energia. Como exemplo, a nova megafábrica que está sendo construída em Ribas do Rio Pardo, que a Suzano afirma que evitará a emissão de 336.000 toneladas de CO2 anualmente, provavelmente emitirá entre 320.000 e 330.000 toneladas de CO2 equivalente anualmente, o que equivale a queimar 160.000 toneladas de carvão. Além disso, junto com os resíduos reais, como licor negro e casca das árvores, as caldeiras de biomassa nas fábricas de celulose frequentemente queimam lascas de madeira. Por isso, a meta da Suzano de aumentar em 50% as exportações de energia elétrica de biomassa até 2030 só pode ser motivo de preocupação, pois está diretamente relacionada à quantidade de madeira consumida por suas usinas produtoras. Além das emissões de carbono, um foco maior na produção de energia provavelmente aumentaria ainda mais a demanda da Suzano por madeira, intensificando ainda mais os impactos ambientais e sociais de suas operações.



Pilha de toras de eucalipto, Mato Grosso do Sul, Brasil. Fonte: EPN

Promovendo uma cultura do descarte

Suzano diz

Disponibilizar 10 milhões de toneladas de produtos de origem renovável, que possam substituir o plástico e outros derivados do petróleo até 2030

Centro de Sustentabilidade Suzano

Outros dizem

Uma cultura crescente de descartabilidade resultou em montanhas de resíduos, paisagens devastadas e uma cultura de 'uso único'. Faça o descartável acabar.

188 grupos globais

O plano da Suzano de impulsionar a substituição de produtos plásticos descartáveis por produtos de papel descartáveis é um elemento claro de seu modelo de negócios, mas um passo em falso do ponto de vista ambiental.

Isso ocorre porque a taxa de retorno e o número mínimo de reutilizações são garantidos no uso, e assim o impacto ambiental geral é dividido pelo número de ciclos/uso. De acordo com um artigo da Rethink Plastic Alliance, produzir apenas um copo de café descartável requer 1,3 litros de água. Em contraste, lavar uma xícara precisa apenas de 100 a 200 mililitros.

Apesar disso, a mera substituição de produtos plásticos descartáveis por produtos de papel descartáveis é apoiada por alegações infundadas de que as embalagens de papel são "renováveis". Essa alegação é enganosa e falsa e nos impede de tomar a direção certa.

A produção de papel tem uma pegada enorme nas florestas e em outros ecossistemas importantes, e as embalagens de papel não são a saída do plástico. Isso é assim especialmente para embalagens de papel em contato direto com alimentos, que normalmente não são apenas papel, mas simplesmente plástico coberto por uma folha de papel, com pouco ou nenhum benefício ambiental.

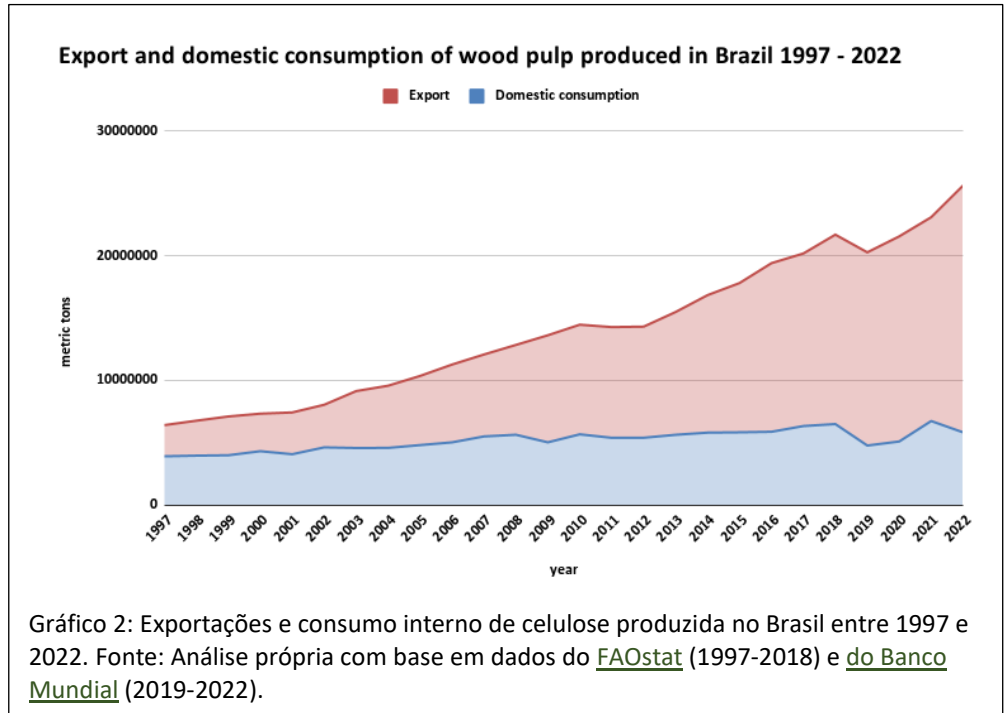
Cerca de três bilhões de árvores são cortadas anualmente em todo o mundo para atender à demanda por embalagens de papel. Essa tendência é insustentável para o planeta. O uso global dos recursos madeireiros necessários para produzir embalagens de papel destinadas a se tornarem resíduos em breve já excede a capacidade das florestas mundiais de produzi-las de forma sustentável. Promover uma cultura do descarte e apresentá-la como um compromisso ambiental é uma obra-prima do engano.



Impulsionada pela demanda global

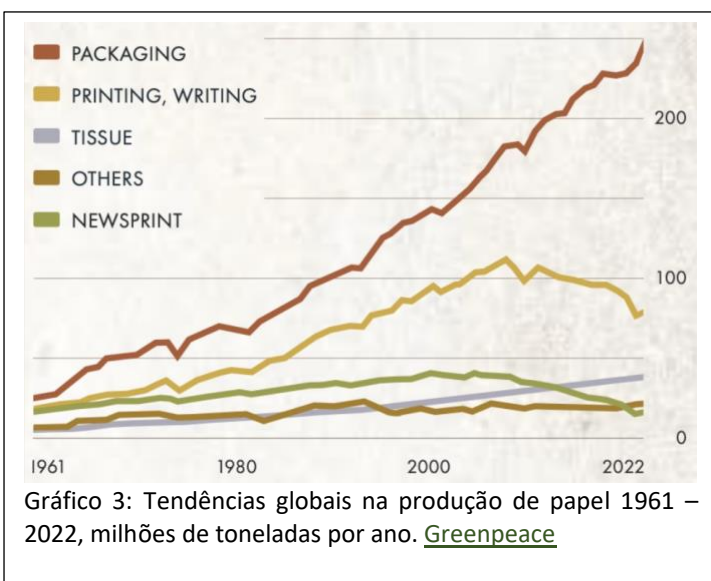
A Suzano não está livre de problemas. A produção de celulose do Brasil experimentou um crescimento impressionante nos últimos 25 anos, mais do que quadruplicando de 6,4 para 25,6 Mt. Conseqüentemente, o Brasil se tornou o segundo maior produtor de celulose do mundo, alcançando uma contribuição do país para a produção global de 13% em 2022.

Esse crescimento não foi impulsionado pela necessidade de atender à demanda doméstica. Apenas menos de 10% da celulose adicional produzida foi consumida internamente. O Brasil, o segundo maior produtor de celulose do mundo, ainda está bem abaixo da média global em termos de consumo de produtos de papel per capita (41 kg/ano contra 51 kg da média global). O principal catalisador por trás do aumento da produção de celulose no Brasil é a



exportação. Em 1997, menos de 40% da produção nacional (2,5 Mt) era exportada. Passados 25 anos, esse número disparou para 19,8 Mt em 2022, o que equivale a incríveis 77% da produção doméstica. A celulose é enviada principalmente para os EUA, a UE (com o Reino Unido) e a China, representando aproximadamente 84% do total das exportações brasileiras de celulose em 2022

A Suzano é uma das principais contribuintes para a produção e exportação de celulose no Brasil. Em 2022, a empresa produziu 10,6 Mt de celulose, das quais 9,6 Mt (93%) foram exportadas.



Conseqüentemente, a Suzano foi responsável por mais de 40% da celulose produzida no Brasil e quase metade das exportações do país dessa commodity.

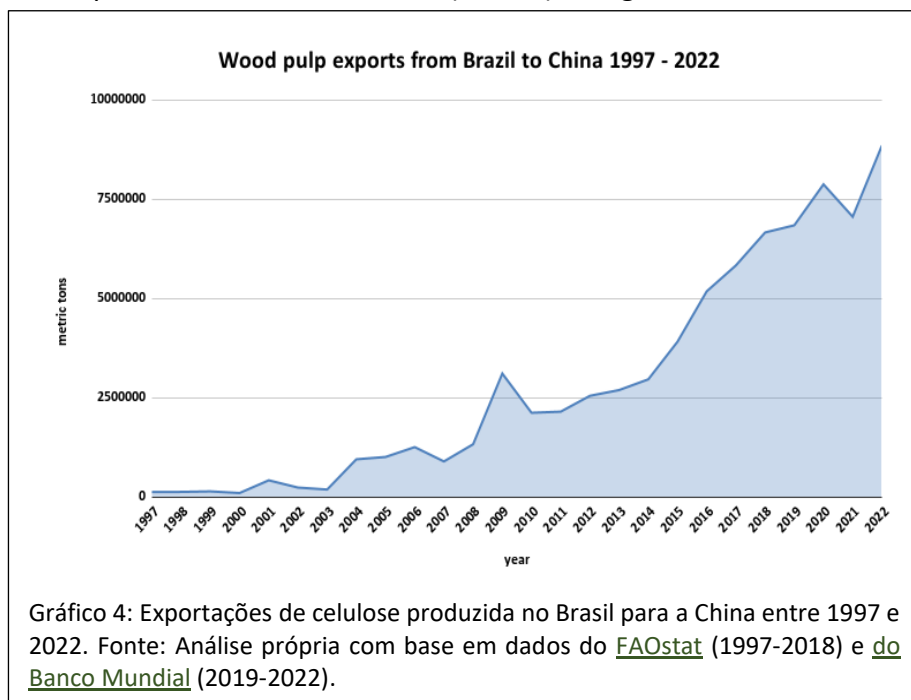
Todo esse crescimento está canalizando os recursos e o meio ambiente do Brasil para a lixeira global. A demanda global por celulose brasileira é impulsionada principalmente por aplicações de papel descartável: nas últimas duas décadas, a produção de papel tissue e de embalagem dobrou. E não acabou. Estima-se que o tamanho do mercado global de embalagens cresça ainda mais de US\$ 1,20 trilhão em 2022 para atingir cerca de US\$ 1,58 trilhão até 2032, crescendo a uma taxa de

crescimento anual de 3,16% entre 2023 e 2032. Prevê-se que o papel tissue cresça ainda mais a uma taxa de crescimento anual de 4,11%.

China - o principal comprador de celulose brasileira

O mercado mais importante para a celulose do Brasil é a China. Em apenas um quarto de século, as exportações para esse país aumentaram quase sessenta e oito vezes (6890%), atingindo 8,8 Mt em 2022, quando mais de um terço da celulose produzida no Brasil foi vendida para a China, que representou 45% das exportações de celulose do Brasil. Naquele ano, mais celulose produzida no Brasil foi enviada para a China do que consumida internamente

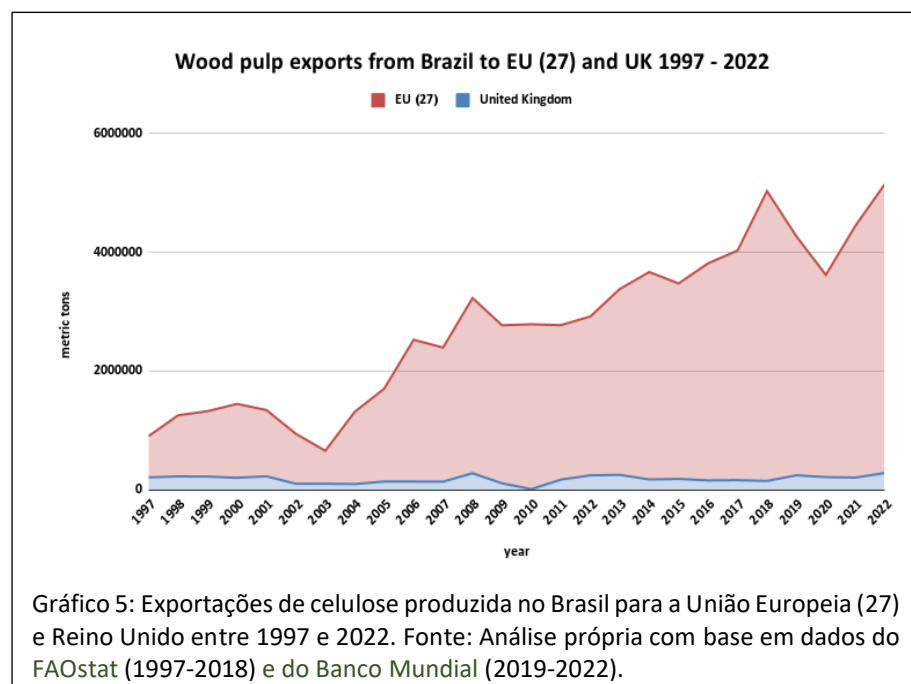
Suzano é a maior exportadora brasileira de celulose para a China. De acordo com TRASE, em 2017 (último ano em que TRASE publicou dados de exportação de celulose do Brasil), a Suzano foi responsável por 38% do total das exportações de celulose para aquele país: 2,07 de 5,43 Mt (1.376.865 t exportadas pela Suzano e 698.422 t pela Fibria. Depois disso as empresas se fusionaram). De acordo com Dinheiro, quase 30% da produção da Suzano é exportada para a China, bem à frente dos Estados Unidos (13,5%).



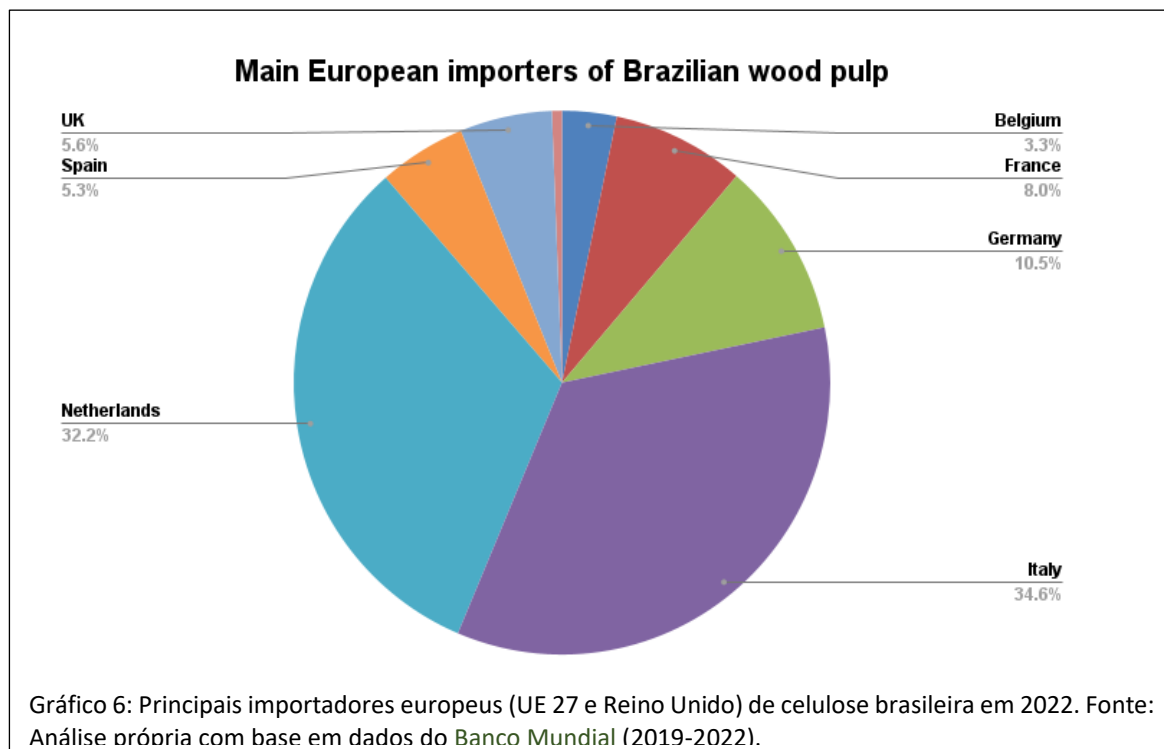
Europa

A Europa é o segundo maior mercado para a celulose brasileira. Entre 1997 e 2022, as exportações desta commodity para a UE (27) e o Reino Unido aumentaram mais de cinco vezes e meia (468%), de 940.000 toneladas para 5,1 milhões de toneladas. Em 2022, esses países representaram 26% das exportações brasileiras (a UE-27 representou 24,5%).

Itália e Holanda são os maiores importadores de celulose brasileira na Europa. Esses dois países respondem por mais de dois terços (67%) das

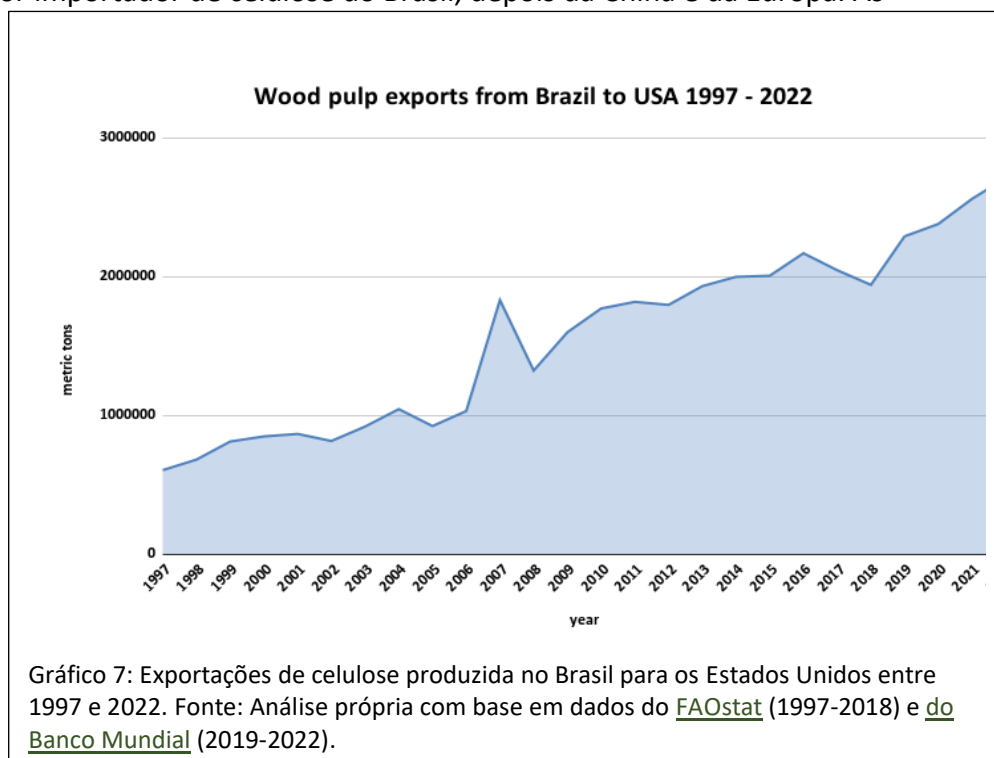


importações brasileiras de celulose para a UE e o Reino Unido. Em 2022, Itália e Holanda importaram, respectivamente, 1,8 milhão e 1,6 milhões de toneladas de celulose do Brasil. Esses dois países também são os maiores importadores europeus de celulose produzida pela Suzano. De acordo com [TRASE](#), em 2017, a Suzano e a Fibria, que depois foi adquirida pela Suzano, exportaram 772 mil toneladas de celulose para a Holanda e 369 mil toneladas para a Itália.



Estados Unidos

Os EUA são o terceiro maior importador de celulose do Brasil, depois da China e da Europa. As exportações brasileiras de celulose para esse país aumentaram quatro vezes e meia desde 1997, atingindo mais de 2,7 milhões de toneladas em 2022. O país também é um dos principais compradores da celulose produzida pela Suzano. Em 2017, a Suzano exportou 1,5 milhões de toneladas de celulose para os EUA, representando 15% de suas exportações naquele ano.



São realmente finanças verdes?

Suzano diz

“ Alinhado à nossa estratégia de sustentabilidade, temos dívidas atreladas a metas ESG em temáticas como uso da água e diversidade, equidade e inclusão ”

Suzano, Finanças Sustentáveis

Outros dizem

“ Todas as instituições financeiras que estão desenvolvendo políticas estão fazendo isso de forma voluntária, o que significa que não há padrões, não há regulamentações, não há monitoramento. ”

Fonte: Deutsche Welle

A Suzano não está limpa de problemas. De acordo com documentos que a Suzano deve apresentar à Comissão de Valores Mobiliários dos Estados Unidos, em 31 de dezembro de 2023, atuou como ré em 1.241 processos trabalhistas considerados razoavelmente prováveis (com provisão para contingências, depósitos líquidos judiciais de R\$ 266,8 milhões) e 1.034 processos trabalhistas avaliados como razoavelmente possíveis (com valor total em disputa de R\$ 194,9 milhões). Também esteve envolvida em disputas coletivas movidas por sindicatos da Bahia, Espírito Santo, São Paulo, Maranhão e Mato Grosso do Sul.

Na mesma data, a Suzano também participou de 76 processos cíveis, fundiários e ambientais avaliados como razoavelmente prováveis (representando uma provisão para contingências, depósitos líquidos judiciais de R\$ 264,2 milhões), de pessoas e mais 219 processos cíveis e ambientais avaliados como razoavelmente possíveis (valor em disputa totalizando R\$ 4.463,0 milhões).

Apesar de todos os danos ambientais e sociais causados, a Suzano alcançou altas classificações em matéria ambiental, social e de governança (ESG). O Carbon Disclosure Project (CDP) apresenta a Suzano como uma empresa de base renovável (embora seja importante notar que o CDP baseia-se na autodeclaração de cada empresa). A empresa também recebeu o selo Gold nas Classificações de Sustentabilidade de 2022 da EcoVadis e foi nomeada pela Environmental Finance como

"Empresa Global de Grande Porte do Ano" (2023). Ambos os prêmios são baseados principalmente no envio de material da Suzano, e não em qualquer pesquisa independente de campo ou documental.

A empresa se beneficia significativamente disso: 39% da dívida da empresa está vinculada a financiamento "verde" (como títulos verdes), e esse valor deve crescer.

No total, a dívida total da Suzano é muito maior do que o valor de mercado da empresa.

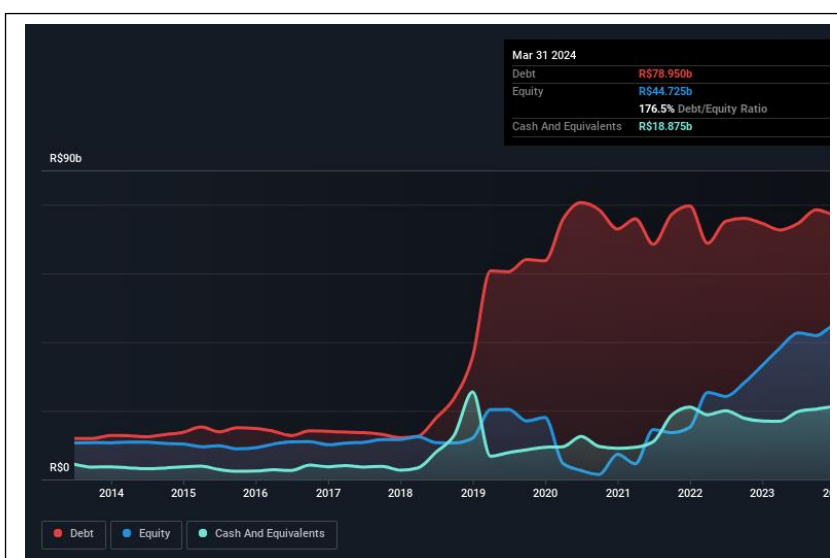


Gráfico 8: A dívida da Suzano é maior do que o enorme valor de mercado da empresa de R\$ 62,9 bilhões -BOVESP:A:SUZB3 Dívida sobre patrimônio líquido Histórico 16 de junho de 2024 SimplyWallStreet , junho de 2024

De onde vem esse dinheiro? Entre 2016 e 2023, a Suzano recebeu mais de US\$ 25 bilhões em crédito de grandes instituições financeiras, incluindo JPMorgan Chase, BNP Paribas, Rabobank, Mizuho e Bank of America. Blackrock é o maior investidor da Suzano com US\$ 488 milhões. Vanguard vem em segundo lugar com US\$ 278 milhões. Consulte as Figuras 1 e 2 para mais detalhes sobre o financiamento da Suzano entre 2014-2023 e de seus principais investidores até setembro de 2023.

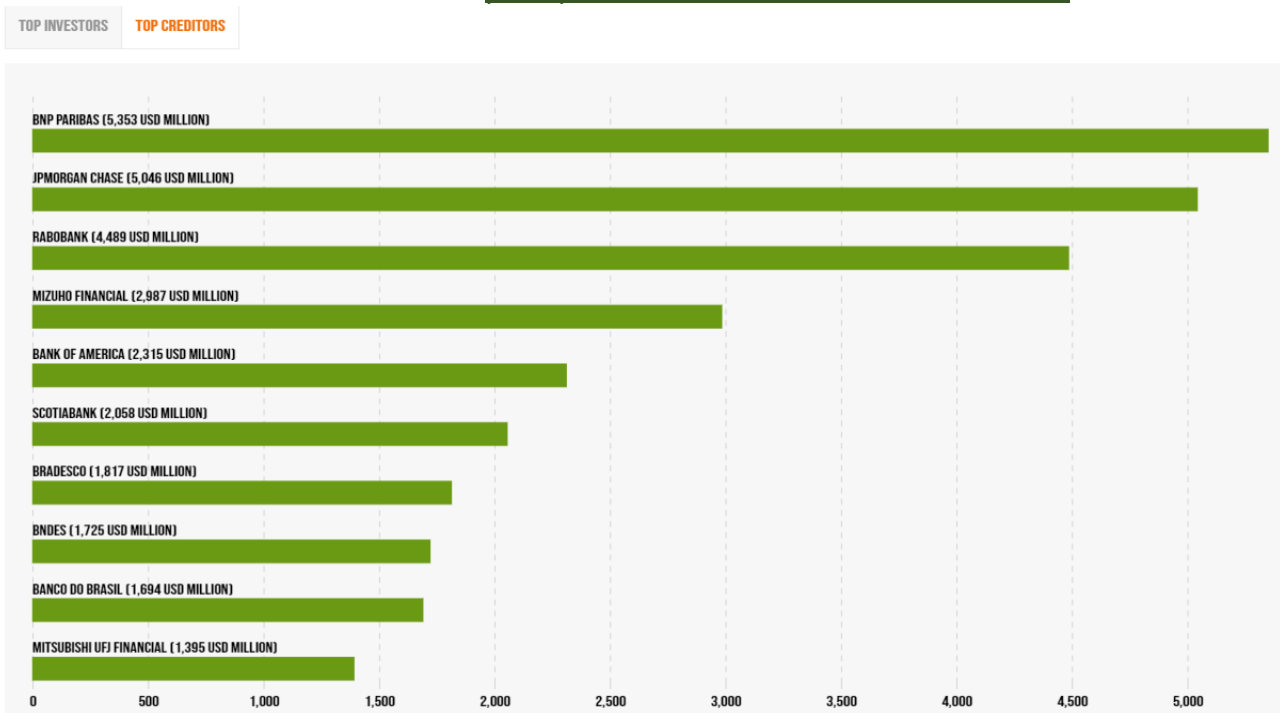


Gráfico 9: Os 10 principais credores da Suzano entre 2014-2023. Fonte: [Base de dados Forests & Finance](#), acessada em maio de 2024

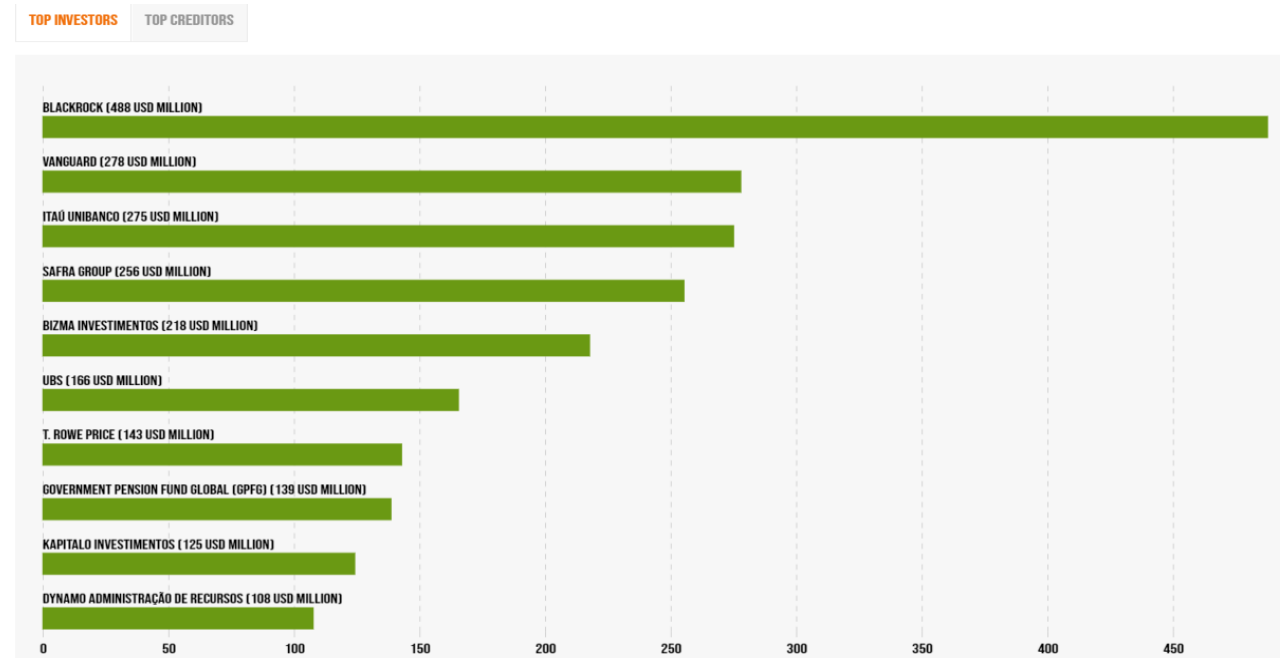


Gráfico 10: Os 10 maiores investidores da Suzano entre 2014-2023. Fonte: [Base de dados Forests & Finance](#), acessada em maio de 2024

Nos últimos cinco anos, os credores da Suzano mudaram ligeiramente. Consulte a Figura 3 para obter uma visão geral dos 10 principais credores entre 2019-2023. Banco Mundial e Grupo SMBC são hoje parte dos 10 principais credores da Suzano.

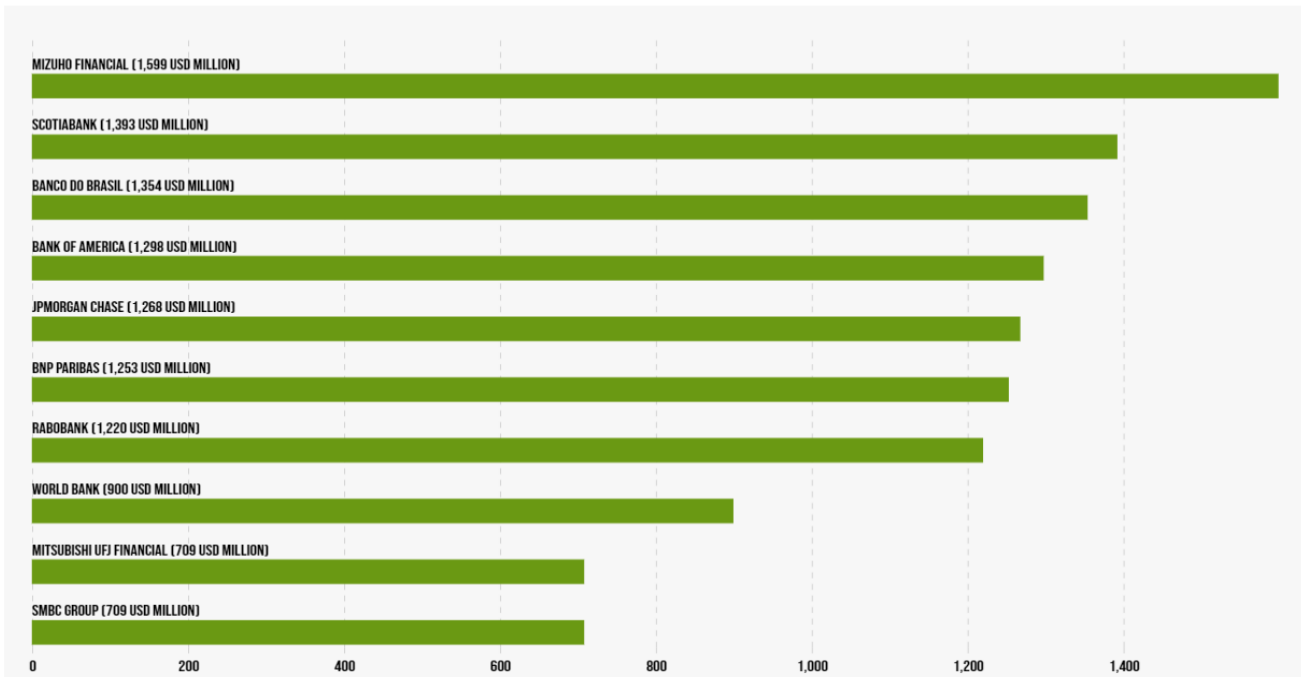


Gráfico 11: Os 10 principais credores da Suzano entre 2019-2023. Fonte: [Base de dados Forests & Finance](#), acessada em maio de 2024

A empresa também atraiu bilhões em investimentos "verdes" e de desenvolvimento público. Em dezembro de 2022, após obter [US\\$ 430 milhões](#) do BNDES, o braço privado do Banco Mundial (IFC) aprovou seu primeiro empréstimo à Suzano. Juntamente com organizações brasileiras e internacionais, a EPN [se opôs a esse financiamento](#), uma vez que oferecia poucos benefícios ambientais, sociais ou de governança, mas a IFC optou por ignorar nossas preocupações. Temíamos que isso abrisse o financiamento de outros bancos de desenvolvimento, o que se tornou realidade quando o FMO [anunciou](#) que estava se juntando à IFC no empréstimo.

Em março de 2024, a Suzano [obteve um Empréstimo Vinculado à Sustentabilidade de US\\$ 780 milhões](#). O empréstimo foi organizado e financiado por bancos privados (detalhes obtidos pela Refinitiv e compartilhados pela Profundo): BankAmerica Corp, Rabobank, Export Development Canada, HSBC, Industrial & Commercial Bank of China Ltd, KfW IPEX-Bank GmbH, Mizuho Bank Ltd, MUFG Bank Ltd, Sumitomo Mitsui Banking Corp, Credit Agricole Corporate & Investment Bank (Agente de Administração). Embora a Suzano tenha [uma página](#) dedicada a indicadores ESG, não está claro quais indicadores estão incluídos no Empréstimo Vinculado à Sustentabilidade. O comunicado da [Norton Rose Fulbright \(advogados que assessoram a Suzano no empréstimo\)](#) **menciona apenas** indicadores de desempenho ambiental. Indicadores sociais, de direitos humanos e de governança estão praticamente ausentes no empréstimo.

A EPN e outras organizações da sociedade civil informaram instituições financeiras em várias ocasiões na última década e publicaram [materiais](#) sobre a Suzano e a indústria de celulose no Brasil. Ao optar por continuar apoiando a Suzano, tanto os bancos privados quanto os públicos estão agora lucrando deliberadamente com os graves impactos sociais e ambientais da empresa. Além disso, os fundos públicos de desenvolvimento estão sendo concedidos a uma empresa que ainda não provou trazer desenvolvimento para qualquer região.

Conclusões

Apesar das muitas alegações de boas práticas ambientais e sociais e das promessas de fazer ainda melhor, as operações da Suzano deixam um rastro devastador de injustiça social, desenvolvimento insignificante e catástrofe ambiental.

A justiça para as comunidades indígenas e quilombolas do Brasil e um futuro habitável para todos exigem, na prática, uma reviravolta completa para a Suzano, maior produtora de celulose de eucalipto do mundo.

Um futuro habitável para todos precisa de:

- Uma redução da pressão sobre as florestas e outros ecossistemas naturais, não expandindo a fronteira da pecuária ainda mais para dentro das florestas.
- Tempo e espaço para permitir que a vegetação natural do Cerrado rebrote, não arrancando as raízes, o que dificulta ainda mais a regeneração espontânea.
- Verdadeira proteção para o lençol freático, não plantando eucaliptos que estão mal adaptados, secando o solo e exacerbando os incêndios florestais.
- Respeito e reconhecimento dos direitos das comunidades locais de administrar suas terras tradicionais, não tentando acalmá-las com compensações insuficientes ou ignorando seus direitos históricos.
- Energia renovável, sustentável e de baixo carbono, não um aumento da queima de biomassa para gerar eletricidade ultra alta em carbono.
- Uma redução no consumo e o afastamento de uma cultura do descartável, e não a promoção da substituição direta dos materiais de plástico descartável por papel descartável.

O que precisa acontecer?

A EPN apresentou um conjunto abrangente de demandas para a indústria brasileira de celulose e papel, seus investidores e parceiros de negócios em [Queimando a terra - Os impactos da expansão da indústria de celulose e papel na região de Três Lagoas – Brasil](#), páginas 71-74.

A Suzano deve implementar essas mudanças na íntegra. Para garantir que isso aconteça, as instituições financeiras públicas e privadas devem investigar e se envolver para que a Suzano trabalhe em torno dessas demandas e suspender os serviços financeiros à empresa enquanto isso. Em caso de não conformidade, as instituições financeiras devem cancelar todos os financiamentos e outras relações comerciais com a Suzano.

As prioridades mais gerais para a transformação são descritas na [Global Paper Vision da EPN](#) e no [Manifesto O Mito da Biomassa](#).

Anexo: Declaração da Suzano

Antes da publicação, os autores deste artigo enviaram à Suzano uma lista das principais conclusões para dar à empresa a oportunidade de comentar antes da publicação, solicitando o fornecimento de informações detalhadas, precisas e referenciadas para fundamentar seus comentários. A carta que recebemos inclui várias contestações sem evidências nem referências. Para fins de transparência, e com a concordância da Suzano, adicionamos sua resposta como um anexo.

São Paulo, June 18th, 2024

To
Environmental Paper Network (EPN)
C/o ARA, August Bebel Str. 16-18
33602 Bielefeld, Germany

On behalf of Mr. Sergio Baffoni

Ref.: Response to the Letter "Opportunity to comment on paper concerning Suzano"

Dear Sergio Baffoni and all representatives of **Environmental Paper Network (EPN)**, Thank you for the opportunity to present our comments over the statements you have elaborated about us. Please find below our response to your statements:

"Suzano has 2.7 million hectares of rural land under management, including 1.6 million hectares of eucalyptus plantations and 1.1 million hectares of areas dedicated to conservation. Native forests we conserve play an important role in maintaining biodiversity in the regions where we operate.

We have up to 39.000 hectares of degraded areas on ecological restoration in different regions and our program was considered by the UN one of the 15 most transformative projects in Brazil¹. Despite not disclosing the layout of ecological corridors due to strategic reasons, data systems are annually verified by third party auditors².

Suzano does not possess any productive areas over and(or) overlapping local communities' areas neither homologated traditional territories. Company has a strict due diligence process to guarantee all land has been acquired in a legal procedure. Additionally, it maintains a social investment strategy focused on reducing poverty and supporting education of neighboring communities. In 2023, more than 347 thousand people were benefited from company's social development programs, and more than 22 thousand people lift poverty.

¹ Find more information about our restoration program in our Sustainability Center:
https://centraldesustentabilidade.suzano.com.br/en/indicators/?ind=ecological-restoration-program-65e0bd9dea9d8&filter_tag=temas_materiais

² Further information on 2023 Suzano Sustainability Report, page 110

Curvelândia community protests (MA) were resolved in 2021, with Suzano's commitment of identifying, preventing, and mitigating any adverse social and environmental impact of its operations. Company also spontaneously executed improvements on the road to prevent dust. Local Court also recognized the illegality of the protest and ordered the roads unblock.

Suzano has faced land invasions not related to communities' claims but based on the intention of illegally exploring economic activities or real estate speculation. Repossess procedures follow a Humanized model, guaranteeing a respectful treatment of all invaders, becoming a role model across the country.

Suzano has a department exclusively dedicated to engaging with unions. Presently, there are 45 collective agreements formalized with 36 distinct unions, evidencing a positive and respectful relationship. There are no individual or collective lawsuits, investigations, or infraction notices pertaining to anti-union conduct and/or collective dismissal without prior union negotiation.

Suzano uses, exclusively, agrochemicals duly regulated and authorized by Brazilian Ministry of Agriculture and applies it in accordance with all technical recommendations and agronomic prescriptions. We invest in biological control alternatives to reduce the use of agrochemicals. In 2023, we produced approximately 250 million natural enemies, released in more than 340,000 hectares of eucalyptus farms".

We remain at your entire disposal and reiterate would be glad to discuss and explain more about our company.

Sincerely,

SUZANO S.A.